

13 ABR 1984

Chega de especulação

Economia
Brasil

Tanto a curto quanto a médio prazos o Brasil não poderá encontrar uma alternativa válida para recompor os quadros de prosperidade. São ainda distantes os acesos da fartura para todos, com as oportunidades se distribuindo igualmente entre todos os cidadãos, na estrita conformidade dos foros de uma sociedade aberta e pluralista.

A não ser que um auxílio superior, de fontes imponderáveis, ilumine os técnicos do País, na descoberta de novas províncias petrolíferas, com suprimentos suplementares capazes de conter as enchentes, exorcizando, por outro lado, as longas estiagens, e que por fim amoleçam os banqueiros ianques, fazendo-se baixar a **prime rate** — fora daí não estaremos a salvo para conviver com as amenidades e belezas de nosso clima tropical.

Todavia, existem providências que poderiam ser adotadas, com resultados mais previsíveis. Uma delas, sem dúvida alguma, está na desenfredda jogatina especulativa, representada pelas aplicações no **open market**. Segundo críticas oferecidas pelo Ministro Nestor Jost o brasileiro joga, por dia, nessas operações, nada mais, nada menos que Cr\$ 15 trilhões, num ciclo perverso, exclusivamente financeiro, sem gerar no seu giro qualquer infinitésimo de bens ou de empregos. É o culto à moeda na sua mais fria expressão, num distanciamento social que inquieta pelo seu descompromisso com os esforços de desenvolvimento necessários para recompor o Brasil na sua rota de grandeza.

Efetivamente as diretrizes da política adotada no plano monetário pelas autoridades brasileiras

impedem que a nossa economia se descomprometa com o atavismo da correção monetária, responsável imediata pelo festival do **open**, tornando-se impermeável a quaisquer outras opções para a obtenção do lucro. Pelo imediatismo e pelas facilidades.

Emitindo títulos da dívida pública, é certo que o Governo deixa de cunhar moeda de curso forçado, mantendo baixos os níveis de circulação fiduciária, porém ampliando para tetos indizíveis o endividamento interno. Veja-se o que vem ocorrendo, entre nós, no particular. Em dezembro de 1980 as emissões de ORTN do Governo Federal alcançavam perto de 589 bilhões de cruzeiros. O boletim de março do Banco Central aponta o endividamento em ORTN com mais de Cr\$ 30 trilhões, com um total geral da dívida pública federal passando à marca dos Cr\$ 33 trilhões. Em maio deverá superar a casa dos Cr\$ 37 trilhões. A bolade-neve desce velozmente o plano inclinado do endividamento e, ainda na altura de meia encosta, ganha volumes de uma esfera monstruosa.

Os ganhos, no caso, não são gerais, nem passíveis de uma distribuição global. Beneficiam setorialmente os industriais do dinheiro. Exclusivamente.

Os riscos de tais operações simplesmente inexistem. Por isso o fisco atua com intensidade. E dinheiro fazendo dinheiro, numa clausura de frequência cativa para ricos e poderosos.

A posição do Ministro Nestor Jost tem que ser entendida dentro da sua visão prática, de sua experiência no setor primário, como produtor. Menos pelo êxito que se espera de sua administração e muito mais pelas urgências em

produzir, em implantar um sistema de apoio financeiro de caráter permanente para todas as safras e não apenas para uma delas.

A riqueza imensa que uma safra de sessenta milhões de toneladas de alimento representa para o País é superlativamente superior aos ganhos assegurados pelo **open market**. Os fatores de superação no caso não vêm apenas dos valores que representam. Junte-se numa mesma avaliação a segurança do abastecimento interno e a formação de estoques excedentes de exportação para ajudar a alimentar o mundo. Meça-se a alocação de contingentes de mão-de-obra que poderão fixar-se nos espaços rurais, desafogando as áreas urbanas, tornando mais estável a distribuição espacial das populações economicamente ativas. O econômico e o social neste caso fariam oscilar os critérios de avaliação, deslocando-se em favor do homem e não da moeda.

Existem, portanto, indicadores de alto ganho nas aplicações de risco calculado, agindo no sentido de retirar-se a base excessivamente monetarista do nosso modelo econômico, diluindo-a um pouco mais para que se levante o cerco imposto em favor da especulação pura e simples no mercado aberto.

O Brasil, pela sua extensão territorial, ainda não pode livrar-se de sua natureza **essencialmente** agrícola. Que ela se abraque para uma gradação adverbial de **preferencialmente** agrícola. Essa breve alteração já seria suficiente para também retirar o **exclusivamente** nos modos de direcionamento das aplicações, voltadas que estão para o **open market**.